

A obra 'Éramos as cinzas e agora somos o fogo' integra a série 'Pardo é papel' — jogo de palavras em que 'pardo' designa tanto o suporte da obra (papel precário e não tradicional nas artes plásticas) quanto um eufemismo considerado racista que busca evitar denominações como 'negro' ou 'preto'. O título faz referência a versos de uma música do rapper carioca BK, e expressa de múltiplas maneiras a resistência cotidiana frente à violência do racismo estrutural no Brasil.

Maxwell Alexandre se apropria frequentemente de imagens encontradas na Internet, algumas com origens identificáveis, outras desconhecidas ou reprocessadas. Neste trabalho, o corpo negro ocupa diferentes espaços, de uma formatura universitária a shows de rap, de cenas de resistência à violência e intimidação policial a protestos na cidade. Características como o cabelo descolorido, o uniforme da rede pública escolar do Rio de Janeiro e o padrão geometrizado que cobre o fundo — uma referência às piscinas de plástico muito presentes nas periferias — são destacadas. Além de representar o cotidiano das comunidades cariocas, como a Rocinha, a obra de dimensões monumentais reúne referências a personagens afrodescendentes anônimos e célebres, como o pintor estadunidense Jean-Michel Basquiat, o artista brasileiro Arthur Bispo do Rosário, e a cantora estadunidense Nina Simone, que convivem com um conhecido cartaz feito em 1924 pelo artista construtivista russo Alexander Rodchenko, e uma cena do filme 'Cristo Rey', de 2013, da diretora dominicana Leticia Tonos Paniagua.

Em 2018 a obra foi exposta na parede de abertura da galeria do primeiro andar do MASP durante 'Histórias afro-atlânticas', tornando-se uma espécie de emblema para a icônica mostra que ganhou reconhecimento internacional.

Por Adriano Pedrosa